

# Introdução

*Suspeito que as minhas teorias possam depender todas de uma força que os filósofos têm procurado em vão por toda a Natureza.*

– Isaac Newton

Durante a formação da ciência moderna e filosofia do século XVII, a maior realização não esteve no reino da descoberta, mas da redescoberta. A Renascença começou com o fim do Império Bizantino em 1453, quando Constantinopla caiu perante o Império Turco-Otomano. Vários volumes de escritos clássicos Gregos ficaram pela primeira vez disponíveis às civilizações da Europa Ocidental, trazidos por hordas de refugiados Gregos.<sup>1</sup> Uma das maiores influências filosóficas transferidas para a Europa Ocidental desde Constantinopla foram os trabalhos dos Neo-Platônicos. Esta filosofia seguia os trabalhos de Platão, que acreditava que todos os trabalhos de conhecimento e civilização tinham sido cedidos à Humanidade a partir de uma fonte divina e não tinham sido concebidos pela mente humana.<sup>2</sup> Através de uma série de tragédias de escala global, a civilização e conhecimento que tinham sido produzidos estavam perdidos.

Enquanto vocês e outras nações estavam no começo da escrita e outros requisitos da vida civilizada, após

o intervalo habitual, um rio do céu, como uma pestilência, começou a chover, deixando apenas aqueles que entre vós estão desprovidos de letras e educação; por isso terão de recomeçar tudo de novo, como crianças... Platão, *Timaeus*.<sup>3</sup>

Mais à frente neste trabalho, está a história da Atlântida, a maior e mais antiga civilização que o mundo conheceu, que desapareceu “num único dia e noite de infortúnio”. Não existem referências à lenda da Atlântida, anteriores ao trabalho de Platão. *Timaeus* foi um dos trabalhos mais copiados e espalhados durante a Renascença. Na filosofia Neo-Platónica, a história da Atlântida foi considerada uma alegoria com uma verdade subjacente, ou em alguns casos, uma história real. Fornecia a estrutura intelectual, através da qual os Neo-Platónicos procuraram o conhecimento. Os manuscritos Neo-Platónicos de Hipólito, Proclus, Aristófanes, Plutarco, Apuleius e muitos outros da Antiguidade, desenvolveram o tema de que o conhecimento humano provinha de uma fonte divina. O seu mau uso resultou na corrupção da Humanidade, sendo por isso retirado através do subsequente julgamento dos Céus.

As visões Neo-Platónicas do tempo também procuraram ligar os mundos celestiais e natural ao divino, uma ideia surgida do re-acordar para o valor científico dos antigos escritos dos Gregos. Trabalhos antigos religiosos, científicos e esotéricos foram revistos dentro do contexto do pensamento Judaico-Cristão.

Historicamente, a Revolução Científica esteve ligada ao Renascimento Oculto, sendo ainda visíveis vestígios deste em nomes estabelecidos das várias áreas actuais da Ciência. Por exemplo, a *química* derivou da *alquimia*, (a arte negra) da palavra Árabe que significava “do Egipto” ou da terra de Kemet, significa “Escuridão”.<sup>4</sup> Homens como Heinrich

Agrippa. John Dee, Kercher, Descartes e mais tarde Leibnez e Newton criaram amálgamas entre religião e mundo natural, um mundo divinamente ordenado e regulado.

Teólogos da Renascença propuseram que por todos os mecanismos da criação terem sido criados por Deus, a resolução destes aspectos através da magia natural, iria validar o Cristianismo. As ideias derivadas dos escritos do puro ocultismo foram consideradas compatíveis com o conhecimento dos antigos textos da escritura. Esta transição de pensamento do reino do oculto e religioso, para uma ciência pura e dura foi um dos contrastes marcantes da época. Geómetros, matemáticos, cronologistas, filósofos e teólogos da época procuraram nos textos antigos o “conhecimento puro perdido” ou *Prisca Sapientia*, que iria fundir todas as ciências.

Os pensadores do final da época medieval, tais como Descartes, Francis Bacon e John Dee, ficaram obcecados pela obtenção do *Prisca Sapientia*. Pesquisaram incessantemente nos escritos antigos para o recuperar, acreditando que os antigos teriam destilado a sua essência em verdades matemáticas ou nalguma linguagem simbólica.

Em 1657, o teórico inglês Robert Turner publicou *Ars Notoria*, que supostamente continha o conhecimento puro da Antiguidade. A Chave para compreender a natureza do conhecimento perdido, de acordo com Turner, que importou algumas noções de trabalho anteriores, estava nas preces do Rei Salomão, construtor do primeiro templo de Jerusalém. No seguimento do seu texto, o editor de Turner explica que “se chama Arte Notária porque, em certas notas breves ensinava e compreendia o conhecimento de todas as Artes”. Na sua aplicação prática, *Ars Notoria* continha pouco conteúdo que pudesse ser compreendido como ciência, mas revelou uma direcção, a qual os intelectos da Revolução Científica procuravam para recuperar o conheci-

mento antigo. Eles viam o conto Bíblico do Rei Salomão como um vislumbre tentador do conhecimento que existiu anteriormente e que poderia ser redescoberto por qualquer homem considerado digno por Deus. Salomão teria obtido a ciência pura através da divina providência. Muitos dos intelectos dos finais da época Medieval e da Renascença procuraram saber mais através de Salomão, aprendendo o máximo possível da antiga linguagem Hebraica e dos seus rituais. As línguas de outras civilizações antigas também eram consideradas importantes para a demanda. Quanto mais antiga a língua, mais perto poderia estar do original e da mais pura expressão do conhecimento. Suspeitando que os antigos geómetros Gregos teriam possuído parte do todo, René Descartes, uma das figuras chave da Revolução Científica escreveu:

Temos provas suficientes que os antigos geómetros Gregos faziam uso de uma certa “análise”, que aplicavam na resolução dos seus problemas... Estes escritores, estou inclinado a acreditar, por alguma astúcia destrutiva, mantiveram os segredos destas matemáticas para si próprios. Agindo como se sabe que muitos inventores agem após as suas descobertas, talvez tenham temido que o seu método tão fácil e simples teria, se fosse feito público, diminuído confiança pública em vez de aumentá-la. Em vez disso, decidiram apresentar, como frutos do seu artifício, um número de verdades estéreis, dedutivamente demonstradas com grande subtileza lógica, em vista de grande admiração e espanto, escondendo os resultados obtidos pelo seu método, sem divulgar o método em si – uma divulgação teria minado completamente esse espanto.<sup>7</sup>

Grupos de Judeus Místicos, residentes em França e Espanha durante os séculos XXII e XXIII, acreditavam que todos os mistérios do Universo derivavam de nomes, frases e particularmente de números contidos nos escritos de Moisés.<sup>8</sup>

Através deste raciocínio, desenvolveram a tradição da Kabbalah, que significa “recepção” ou “revelação”. Os seus aderentes acreditavam que o conhecimento mais elevado das Escrituras Antigas foi transmitido por Deus e *recebido* pelos homens de estudo ou carácter suficiente. Este conhecimento foi transmitido através de gerações, através da tradição. Os livros fundamentais da Kabbalah eram o *Bahir* (brilho) e o *Heichalot* (palácios), do primeiro século D.C., e o *Zohar* (radiância) do Século XIII. Estes incluíam ideias dos sábios Judeus, Isaac o cego, e Nahmanides, sendo baseados nas tradições primordiais do Enoch.<sup>9</sup>

Após a expulsão dos Judeus de Espanha, em 1492, os escritos místicos do Judaísmo foram distribuídos e traduzidos através da Europa. Trabalhos que não estavam anteriormente disponíveis aos intelectos Europeus, surgiram subitamente, ainda que por quantias exorbitantes de dinheiro. Destes, um dos mais significativos foi o Talmude Hebraico, uma colecção de trabalhos escolásticos sobre o Antigo Testamento, que foram compilados no Século VI D.C.; também continha muitos textos de períodos anteriores, alguns dos quais datados do Século II D.C.<sup>10</sup> O Talmude explicava que gerações de humanos tinham sido seleccionadas, uma após outra, em catástrofes sucessivas. No conceito Rabino de “Sete Terras”, a geração que habitava a Quarta Terra construiu a Torre de Babel, mas transitaram para a Quinta Terra quando a humanidade se tornou desconhecadora da sua antiga origem e língua. A sua geração foi apelidada de “o povo que perdeu a memória”. A Quinta Terra foi designada de “geração dos esquecidos”.

No *Tractate Sanhedrin* 109a Hebraico, é dito que “o local onde a torre se ergueu retém a particularidade de induzir uma perda de memória total a quem lá passar”<sup>11</sup>.

Os filósofos Neo-Platônicos do Século IV D.C. escreveram comentários nos trabalhos de Platão e mitos Egípcios que continham as mesmas ideias. A crença numa linguagem mundial perdida que retinha a essência de todo o conhecimento, tomou um papel fundamental nesta escola do pensamento.<sup>12</sup> Estabeleceram a ligação entre a perda do conhecimento puro e a sua redescoberta através do “mensageiro dos Deuses”. Neste comentário escrito por Proclus, no *Timaeus* de Platão, lia-se: “O divino Hermes estava responsável por distinguir e interpretar as coisas, recorrendo à memória como fonte de intelecto”<sup>13</sup>. Macrobius escreveu de forma semelhante, relativamente à versão Romana da mesma divindade, referindo que “Sabemos que Mercúrio tem o poder sobre a voz e o discurso; ele lembra-se de tudo o que foi esquecido”<sup>14</sup>.

John Dee, por exemplo, escreveu um tratado onde chamava o “símbolo uno” ou *Monas Hieroglyphica*, que foi publicado em 1564. Dee acreditava que tinha escrito o segredo de todo o conhecimento neste trabalho, através da divina providência de Deus: “[Eu sou] a mera caneta [de Deus], cujo Espírito, escrevendo rapidamente estas coisas através de mim, eu desejava e ansiava por ser.”<sup>15</sup> A “Monad” de Dee era, na sua essência, o símbolo de Mercúrio.

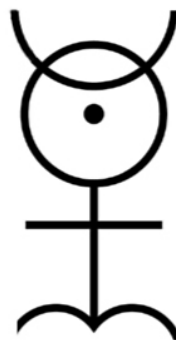


Imagem do autor, baseada na *Monas Hieroglyphica*, de John Dee (Cambridge: C. H. Josten *Ambix Journal* XII,1964), 2.

Na Europa do final da Época Medieval, os Hebreus Místicos começaram a debruçar-se sobre o tema *mercuriano* do conhecimento perdido<sup>16</sup>. Concentraram-se na fonte etimológica do primeiro nome para o Deus Romano Mercúrio, no mito Egípcio, Thoth ou Tahuti. Os sábios explicaram que o nome “Thoth” é uma combinação da última letra do alfabeto Hebraico, *tawv* e a palavra para promessa, *oath*<sup>17</sup>. A letra *tawv* era o significado literal de “marca ou sinal”<sup>18</sup>. Uma “tau-oth” ou “tah-ut” era por isso, um símbolo relacionado com a promessa divina.

As culturas Semíticas (Hebraica e Fenícia) e Egípcia estavam em contacto desde a mais remota antiguidade. Quando os Israelitas entraram na Terra Prometida, também conhecida por Canaan/Fenícia, no final do Êxodo, no Século XIV A.C., a área estendia-se desde a fronteira do sul do Egipto, até à orla norte das montanhas Ararat. A teologia central do Egipto (Osíris, Isis, e o mito de Horus) estava incorporada na cidade de Byblos, na costa Fenícia. “Byblos” é a origem da palavra livro do Latim, Bible, e o alfabeto fonético é assim designado por causa da sua localização na Fenícia. O teólogos da Renascença acreditavam que Moisés tinha sido o inventor da primeira escrita baseada em sons no mundo antigo. Chegaram a esta conclusão a partir dos escritos de Eupolemus em 158 A.C., quando afirma: “Moisés foi o primeiro homem sábio a ensinar o alfabeto aos Judeus, que o passaram aos Fenícios, que por sua vez o passaram aos Gregos”<sup>19</sup>. No livro do Génesis, o primeiro homem marcado com o símbolo da promessa de protecção de Deus foi Caim e o Senhor disse-lhe:

O que fizeste? A voz do sangue do teu irmão chama-me do solo... Serás um vagabundo e um fugitivo na terra. E Caim disse ao Senhor, o meu castigo é maior do que eu posso suportar... E será que quem

me encontrar, me matará. E o Senhor disse-lhe: Se alguém matar Caim, será vingado sete vezes. E o Senhor colocou a sua marca em Caim, para que quem o encontrasse, não o pudesse matar. (Gênesis 4:10-15)

De acordo com esta etimologia, a *primeira* sabedoria foi espalhada pela terra pelo exilado Caim, aquele que está mais perto da origem da Humanidade, no seu sentido mais puro e divino. O Deus Omnisciente falou com ele directamente, assim como tinha falado com Adão e Eva. De forma similar, na cosmologia Egípcia, Thoth não era somente o inventor da escrita, mas também o “Senhor do Tempo” e “aquele que imagina os anos e mede a terra.”<sup>20</sup>

O Egípcio *ankh*, que significa vida, estava intimamente associado com Thoth. O antigo grifo de cruz com círculo de Mercúrio e a combinação das letras Gregas (a consoante tau e a vogal ómega), formavam a palavra *t-auw*, com significado vagamente parecido. Ambos estão relacionados com a marca de *tauw* de Caim, como o símbolo que “preservou a sua vida”.



Imagem do Autor

Os sábios Judeus explicaram que Caim construiu a primeira cidade, sendo assim o fundador da civilização. Caim chamou a essa cidade Enoch, o nome do seu primeiro filho (Gênesis 34:16-17). Também de acordo com os sábios,

os nomes dos neto e bisneto de Enoch, Mehuajael e Methusael (homem que é apaixonado por Deus e homem que pertence a Deus), mostram que durante algum tempo o conhecimento de Eloim, o nome de Deus registado no Génesis, foi preservado, *mas cedo desapareceu*. O seu raciocínio era de que a linhagem de Caim morreu na grande inundação. Contudo, a raça humana sobreviveu através de Noé e sua família descendia de Seth, o terceiro filho de Adão. Os Místicos concentraram-se nos dois Enochs que viveram antes do dilúvio de Noé. O primeiro, filho de Caim, transferiu o conhecimento sagrado do Éden para a primeira civilização, que foi mais tarde destruída devido à sua corrupção e maldade. O segundo Enoch, da linhagem de Seth, preservou o conhecimento puro aparte dessa corrupção. O corpo desse conhecimento foi incorporado geometricamente nas antigas estruturas. A sua decifração precisava de uma chave porém, que existia numa linguagem universal que havia sido perdida. Ironicamente, o evento que causou esta perda correspondeu ao desenvolvimento da escrita e ao nascimento da civilização. Apesar da cronologia Bíblica mostrar que seria impossível que Noé tivesse conhecido o Enoch da linhagem de Seth, ele poderia ter conhecido Methuselah, o filho de Enoch. Methuselah viveu durante 967 anos. Havia uma crença entre os escolásticos da Bíblia que Noé talvez possuísse o conhecimento de Enoch, particularmente porque este teria sido registado por escrito. Em 1614, o livro de Walter Raleigh, *“The history of the world in five books”* (história do mundo em cinco livros), fornecia esta explicação:

...É muito provável que Noé tenha visto e preservado este livro. Pois não é provável que o conhecimento de então (que estes homens possuíam) fosse subitamente inventado e descoberto, mas deixado por Seth